

## REDES E ARQUIVOS: AS MARGENS DAS AMÉRICAS DO SUL

Maria Antonieta Pereira  
FALE/UFMG

**Co-autores:** Antônio Zumpano Pereira Santos (ICEX/UFMG)  
José Carlos Cavalheiro da Silveira (MEDICINA/UFMG)  
Marco Antônio de Oliveira (FALE/UFMG)

Conforme Pierre Levy, “o pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações”<sup>1</sup>.

Nesse contexto teórico, o saber e seus processos de construção passam a ser considerados não só em sua precariedade, mas também como uma inexorável rede, que é resultado e motor de produções de sentido. Uma das primeiras consequências dessa perspectiva é a abolição das fronteiras disciplinares e a conseqüente criação de um campo de estudos em que as artes não só se mesclam (fato já desenvolvido amplamente em épocas anteriores), mas também se apresentam como formas legítimas de conhecimento, ainda que operem com metáforas e conceitos cujo potencial classificatório é inteiramente diverso dos aparatos cartesianos e platônicos. Atualmente, encontra-se em processo de elaboração, nas artes, nas ciências e na filosofia, um modelo menos excludente e mais relacional, que substitui as vãs identidades pelo respeito às diferenças e pela busca de afinidades.

Sendo assim, os novos paradigmas críticos – que foram apresentados pelos colegas desta mesa-redonda – corrompem os limites de áreas específicas, criando um tipo de pesquisador que não é especialista nem generalista, mas que constitui uma simbiose dos dois<sup>2</sup>. A interação de saberes especializados e não-especializados configura, além de formas compartilhadas de atuação e um objeto de pesquisa transdisciplinar, também a linguagem capaz de constituir - e por

---

<sup>1</sup> LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 135.

<sup>2</sup> DOMINGUES, Ivan (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

isso mesmo expressar - tal objeto. Para tanto, é imprescindível que os métodos, os pesquisadores e seus arquivos estejam em estado freqüente de rede.

Para imaginar esse tipo de experimento, é interessante retomar o *princípio da incerteza*, de Heisenberg, que sendo um postulado básico da mecânica quântica, remete à impossibilidade de mensuração exata e simultânea, em sistemas microscópicos, de duas grandezas relacionadas entre si (posição e velocidade, por exemplo). A perturbação provocada nos sistemas, pela própria medida a eles aplicada, indica como a interferência de um sujeito cognoscente altera seu objeto de pesquisa: “a microfísica quântica delineia uma matéria dessubstancializada, elusiva, eivada de indeterminação, em relação à qual o observador se torna um participador” <sup>3</sup>.

Nos sistemas dinâmicos, ao invés do equilíbrio cartesiano, encontram-se estados caóticos e eventos imprevisíveis (tal como aqueles mencionados pela literatura) que são interlocutores do próprio observador que os analisa e que pretende extrair deles certos modelos teóricos. Nesse rumo, um novo conceito de objeto do conhecimento passa a ser considerado – trata-se do *objeto complexo* que contracenaria não mais com um sujeito finalizado mas com um processo de subjetivação. Produzido a partir de fricções do sentido, o entre-lugar estabelecido pela interação sujeito/objeto caracteriza-se por dialogismos, trocas simbólicas, equívocos, desarmonias e consensos parciais. As condições de produção do conhecimento no mundo contemporâneo passam, portanto, por profundas modificações, especialmente quando dialogam com a revolução cibernética e informática em curso. Segundo Lyotard <sup>4</sup>, o saber assim produzido obtém sua legitimação através da otimização de *performances* cujo objetivo é atender a um mercado cada vez

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, L. Alberto. Caos, acaso, tempo. In: NOVAES, Adauto. *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>4</sup> LYOTARD, J. F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

mais sofisticado, fato que resulta na desconfiança relativamente a valores caros ao Ocidente, tais como a busca da verdade absoluta por meio do uso da razão.

Nos grandes campos do saber científico – Ciências Humanas, Exatas e Biológicas – emergem teorias que, no mesmo gesto, questionam as dualidades características do mundo ocidental e formulam objetos de pesquisa cuja complexidade exige novos aparatos críticos. Ao se desenvolverem por meio de construções de sentido que freqüentemente carecem de vínculo com o chamado mundo real, tais conhecimentos também se aproximam das estruturas narrativas, poéticas e performáticas. Ao analisarmos as teorias aqui elencadas – redes neurais, micro-semântica, fractais e teoria dos conjuntos – percebemos que, não por acaso, o *conceito de rede* funciona como ponto de contato entre elas.

Se as teorias presentes em distintas áreas do conhecimento científico remetem para uma perspectiva claramente transdisciplinar, também para lá apontam certos textos ficcionais, que percebem a literatura como uma forma de saber, cuja característica principal encontra-se justamente no fato de provocar um conhecimento em estado permanente de rede. Na medida em que se constitui como um grande hipertexto, cujos nódulos e conexões são potencialmente infinitos, a ficção literária ultrapassa as perspectivas dicotômicas e excludentes e organiza novos modelos de percepção e ordenação do mundo.

Nesse caso, a Literatura Comparada dispõe de importantes ferramentas teóricas, entre as quais se destaca o conceito de hipertextualidade, tal como foi definida por Pierre Levy e cujas características se apóiam nos princípios de metamorfose, heterogeneidade, multiplicidade e encaixe de escalas, exterioridade, topologia e mobilidade dos centros <sup>5</sup>. A partir dessa rede discursiva, podemos analisar certo tipo de literatura, especialmente a contemporânea, não como

---

<sup>5</sup> LÉVY, op. cit.

um objeto em si, mas como um objeto complexo, constituído pela interação das linguagens de vários textos e contextos, de autores e leitores, de precursores e sucessores.

No Brasil, um bom exemplo dessa literatura encontra-se na obra de Guimarães Rosa. Em *Grande sertão: veredas*<sup>6</sup>, enquanto luta contra bandos de jagunços e um amor proibido, Riobaldo pergunta-se sobre o sentido da vida e a identidade incerta de Diadorim buscando, no meio da rua e do redemoinho, ou nas veredas mortas, o pacto que poderá salvá-lo do saber que busca e teme. Conflitos dessa mesma natureza podem ser encontrados em outras narrativas do autor, como “O recado do morro”<sup>7</sup>, em que personagens-viajantes se deslocam pelo interior de Minas e por vários campos do saber, ao mesmo tempo em que recontam e decifram antigas histórias, relatos da loucura e mitos anônimos. Nesse conto, uma rede de narradores é estabelecida para passar adiante uma história que, ao final, ainda é a mesma embora já seja outra. O recado do morro, ouvido por Gorgulho, é contado para seu irmão Catraz, que o reconta para o jovem Joãozezim, que o narra para Guégue, o guia que se orienta por referências móveis.

A partir daí, o recado vira boato e pode ser ouvido no discurso apocalíptico de Nômini Dômini, nos números inscritos pelo Coletor na parede da igreja, ou na letra cantada ao violão por Laudelim, até que se torna compreendido por seu destinatário, o guia Pedro Orósio, que sempre ouvira as diversas variações da mesma história sem atinar para o fato de que isso era um aviso de sua própria morte. Constituído pelas relações cooperativas e desarmônicas entre saber e não-saber - entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre o que cada personagem sabe e as formas como o sabe e o compartilha -, o conto opera com formas e temas não-excludentes, que podem ser verificados pelos freqüentes processos de tradução capazes de dar sustentação a uma

---

<sup>6</sup> ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>7</sup> ROSA, J. Guimarães. *No Urubuquaquá, no Pinhéim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

poderosa estrutura fractal e em rede <sup>8</sup>. Apropriando-se de saberes das áreas de Matemática, Medicina, Biologia, Lingüística e da tecnologia de seu tempo, o conto também recorre aos diferentes saberes do sertanejo, construindo um incessante processo tradutório entre esses diversos campos. Os saberes acadêmicos, artísticos, religiosos, populares, e também os não-saberes, presentes em todas essas instâncias, são articulados numa rede discursiva que é a própria literatura de ficção. Retomando variadas tradições discursivas – literárias e extraliterárias – o conto lhes permite uma cooperação desarmônica, criando a tensão narrativa que preside todo texto ficcional.

Também a novela *A hora e a vez de Augusto Matraga* <sup>9</sup> expõe a tormentosa desarmonia dos saberes na consciência de um ex-senhor-de-terras. Em “Aletria e hermenêutica” <sup>10</sup>, de *Tutaméia (terceiras estórias)*, Guimarães Rosa desenvolve um longo diálogo com o pensamento filosófico ocidental, incluindo-se aí o mito da caverna de Platão, certas máximas da Escolástica, além de citações de Voltaire e Plutarco. Já em “Sobre a escova e a dúvida” <sup>11</sup>, o autor constrói pequenas histórias, orientadas por fragmentos de um saber matemático, materializado em datas, horas de relógios e números precisos.

Na obra de vários escritores brasileiros, podem ser encontradas muitas formas reticulares de narrar em que, portanto, ocorrem apropriações sistemáticas de diferentes campos do saber.

---

<sup>8</sup> No conto - como em toda a obra de Guimarães Rosa - estão presentes as mais variadas formas de tradução, as quais podem ser resumidas nas categorias de: a) *tradução intralingual* (realizada entre os diversos padrões, falares e dialetos da Língua Portuguesa do Brasil); b) *tradução interlingual* (realizada entre a Língua Portuguesa e diversas línguas estrangeiras, cujo melhor exemplo é a chamada “palavra-valise” já utilizada com sucesso por James Joyce); c) *tradução intersemiótica* (realizada entre diferentes sistemas de signos. No caso de Rosa, utilizam-se imagens, situações e padrões lingüísticos apropriados de diversas artes, ciências e tecnologias, tais como Teatro, Música, Pintura, Cinema, Medicina, Biologia, Matemática, Geografia, Antropologia, Comunicação etc.). Cabe ressaltar que a tradução constitui um mecanismo fundamental para as operações realizadas no interior de sistemas hipertextuais e que todas as obras aqui citadas utilizam processos tradutórios em sua composição.

<sup>9</sup> ROSA, J. Guimarães. *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

<sup>10</sup> ROSA, J. Guimarães. *Tutaméia (terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. P. 7-17: Aletria e hermenêutica.

<sup>11</sup> ROSA, J. Guimarães. *Tutaméia (terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. P. 163-184: Sobre a escova e a dúvida.

Com diferentes níveis de complexidade, tais sistemas se fazem presentes desde a poesia de Augusto dos Anjos, que se reunia à Medicina e ao Positivismo do século XIX, até a ficção contemporânea, na narrativa policial e científico-tecnológica de Rubem Fonseca, nos contos médico-judaicos de Moacyr Scliar e nas obras intersemióticas de Valêncio Xavier.

Também nas obras de Jorge Luis Borges, Franz Kafka, Ricardo Piglia, Edgar Allan Poe e Jonathan Swift o saber tem sido objeto privilegiado. Swift foi o grande crítico do saber acadêmico e da Revolução Industrial Inglesa (séc. XVIII), tendo, portanto, que recorrer às tecnologias e ciências de seu tempo, para compor histórias fantásticas mas verossímeis, capazes de satirizar justamente o saber científico-tecnológico de então. Enquanto fundador do gênero policial, em que o corpo e a morte são assuntos freqüentes, Poe recorreu amplamente aos saberes científicos diretamente ligados a seu tema, como a Medicina e a Biologia, e também à Matemática, à Geometria, à Navegação etc. A literatura de Kafka organiza-se como uma interface das culturas judaica, polonesa e alemã, em conflituosa interação. A preocupação com a tradição (cabala) é um traço típico da cultura judaica, presente em sua obra. Contudo, nem a poderosa tradição é capaz de resgatar seus personagens da angústia do não-saber e dos inexoráveis maquinismos - sociais ou tecnológicos - aos quais estão submetidos. A obra de Borges apropria-se de uma ampla tradição narrativa ocidental – mitos pagãos, indígenas e cristãos, cabala, lendas nórdicas – e também de temas filosóficos, saberes científicos, artefatos tecnológicos. Essa ficção se constrói a partir dos temas e estilos de Poe, Swift, Kafka, Shakespeare, Stevenson, Cervantes e de inúmeros outros modos de narrar, constituindo um autêntico hipertexto. Herdeiro literário de Borges, Piglia também produz uma ficção marcadamente em rede. Contudo, ele exacerba a construção hipertextual de sua narrativa, à medida que se torna precursor de si mesmo, apropriando-se de seus próprios textos, mesclando-os a textos alheios e disseminando-os em outras formas artísticas como o cinema, o vídeo, o CD-

ROM e a ópera. O hipertexto configura a estrutura, o conteúdo e a forma de seus romances *Respiração artificial*<sup>12</sup> e *A cidade ausente*<sup>13</sup>. Mantendo um equilíbrio precário entre textos literários, fatos históricos, investigações cabalísticas, numerologia e personagem-cyborg, essa ficção desenvolve diálogos com diversas áreas do conhecimento (entre as quais podemos citar História, Lingüística, Filosofia, Biologia e Física Quântica).

Também no âmbito do pensamento crítico latino-americano podem ser encontrados os movimentos conectivos da rede, sob a forma das produções ensaísticas. Sendo um gênero desenvolvido por Montaigne justamente no começo do Novo Mundo e tendo como precursores os aforismos de Heráclito e o texto poético-filosófico de Nietzsche, o ensaio desenvolveu-se entre nós de forma extraordinária, funcionando como uma das mais importantes formas de arquivamento do saber produzido nas Américas do Sul. Essa tradição discursiva, que antecede e sucede a metafísica platônico-socrática e cujo resultado mais recente parece estar na desconstrução derridiana, mantém um diálogo sistemático com variados campos do saber, especialmente com a literatura, da qual herda uma função estruturante. Oferecendo uma proposta não-hegemônica, que bordeja e interroga a razão clássica, os pré e pós-socráticos terão em comum sua capacidade de investigar uma outra forma de racionalidade, a qual não se distancia da potência criadora da palavra poética. A linguagem de Heráclito e Nietzsche ou os operadores textuais de Derrida (*phármakon*, suplemento, escritura, rastro, *différance* etc.), ao constituírem tipos de composição textual que mesclam literatura e pensamento crítico, também admitem um modelo reticular e abrem espaço para que nós, habitantes das margens latino-americanas e fruto da mais impura mestiçagem, possamos reinventar nossa própria tradição, elegendo outros precursores. Por examinar fragmentos de saber e de sentido, o ensaio não precisa se limitar às

---

<sup>12</sup> PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Iluminuras, 1987.

<sup>13</sup> PIGLIA, Ricardo. *A cidade ausente*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1993.

fronteiras disciplinares e passa a estabelecer conexões entre os vários campos do conhecimento e das artes, produzindo um texto híbrido, aberto, em rede.

Num cenário cultural pós-metafísico, as configurações em rede elaboram novos modelos de leitor e de leitura, à medida que se vinculam a estruturas, métodos e operadores textuais que constituem uma espécie de enciclopédia aberta (ou de biblioteca infinita). Nesse caso, poderíamos dizer que a rotatividade dos centros e das margens textuais, ao garantir a permutação de sentidos, também permite que a teia da vida continue a ser tecida.